

# Brasil é alvo de 50 processos

O fato de dois brasileiros estarem à frente do sistema interamericano de direitos humanos está sendo considerada, por ambos, "uma feliz coincidência". A eleição de Hélio Bicudo já era esperada — uma vez que ele já era o vice-presidente e, pelas regras da casa, deveria suceder o norte-americano Robert Goldman. Seu mandato será de um ano, renovável por mais um.

Essa é a terceira vez que um brasileiro preside a Comissão Interamericana de Direitos Humanos. O primeiro foi Carlos Dunshee de Abranches, entre 1969 e 1970. A gaúcha Gilda Russomano assumiu a função entre 1989 e 1990.

Jurista e ex-deputado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Hélio Bicudo, 77 anos, foi um ativo defensor dos direitos humanos durante os anos de ditadura militar no Brasil. Ao lado de Antônio Augusto Cançado Trindade, presidente da Corte Interamericana, ele estará à frente do sistema responsável por solucionar casos de violações aos direitos humanos — quando eles não são resolvidos pelas justiças nacionais.

Existem cerca de 50 processos contra o Brasil tramitando na Comissão — como o massacre de 111 presos no Carandiru, em 1993, ou a morte de camponese em Eldorado dos Carajás, em 1996. Na Corte, porém, ain-

da não há nenhum processo sobre o Brasil. Primeiro, porque o governo brasileiro passou a aceitar a jurisdição há apenas pouco mais de um ano. Segundo, porque procura sempre soluções amistosas, para evitar que a imagem do país seja prejudicada.

Em pelo menos dois casos, o governo federal adiantou-se e, em acordo com governos estaduais, concordou em pagar indenizações em dois casos que poderiam parar na Corte Interamericana: o assassinato em 1985, com 18 tiros, do sindicalista paraense João Maria Canuto, e a morte de 18 detentos por asfixia na delegacia do Parque São Lucas, em São Paulo, em 1989. (MS)